



A HARMONIA É POSSÍVEL

Como famílias e empresas podem
contribuir para enfrentar os
problemas sociais do país



O Instituto de Música Jacques Klein
oferece formação musical e suporte
psicossocial para jovens e crianças a
partir dos 4 anos

EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA (FDR)

Presidente
Luciana Dummar
Diretor Administrativo-Financeiro
André Avelino de Azevedo

Gerente-Geral
Marcos Tardin
Gerente Editorial
Lia Leite

Gerente de Marketing e Design
Andréa Araújo

Designers
Kamilla Damasceno e Welton Travassos

Social Media
Leticia Frota

Analista de Marketing
Henri Dias

Gerente de Audiovisual
Chico Marinho

Gerente de Projetos
Raymundo Netto

Analistas de Projetos
Aurelino Freitas e Fabrícia Góis

Analista de Contas
Narcez Bessa

CADERNO RIS CEARÁ

Textos
Carol Kossling

Projeto gráfico
Andréa Araújo

Designer
Welton Travassos

Infográfico
Luciana Pimenta

SUMÁRIO

- 3 Participação empresarial
- 4 Censo Gife
- 6 Entrevista com Geizy Diniz
- 8 O caminho do dinheiro
- 10 Mapa de negócios de impacto
- 12 Organizações familiares
- 14 Glossário
- 15 Colaboração Estratégica

EDITORIAL

REDE BUSCA ALIADOS CONTRA A DESIGUALDADE

A brutalidade da desigualdade social rendeu, rende e, infelizmente, promete continuar rendendo relatórios, análises e estatísticas chocantes. Os números e gráficos falam por si, sejam eles na ONU, do IBGE, da FGV, do Ipea, da Oxfam... Essas informações iluminam o cenário ao nosso redor, mas o alarme só toca para quem reconhece a gravidade do problema. Tem algo errado no surgimento de um bilionário por dia no mundo, enquanto quase 200 milhões são empurradas para a pobreza? Vale questionar por que a fortuna de cerca de 250 pessoas é maior do que a riqueza combinada de todas as mulheres e meninas da África, América Latina e Caribe? E daí que, desde 1995, o 1% mais rico acumulou quase 20 vezes mais riqueza global do que os 50% mais pobres da humanidade? Nada demais no fato de o Ceará ter 17 bilionários, que somam um patrimônio de quase R\$ 80 bilhões, à frente da soma dos demais estados do Nordeste que figuram no ranking da Forbes? Qual o problema de, pela primeira vez, bilionários do mundo acumularem mais riqueza via herança do que com trabalho e de que, durante os próximos 20 a 30 anos, mais de mil bilionários vão transferir cerca de US\$ 5,2 trilhões aos herdeiros? Tudo depende do que cada um quer deixar de herança para o mundo, o Brasil, o Ceará. A desigualdade não é apenas econômica, mas também racial, de gênero, de educação, de oportunidades. Felizmente, parece que ninguém questiona mais o aquecimento global. Vitória da ciência. Afinal, reconhecer um problema é o primeiro e fundamental passo para buscar uma solução. A RIS CE, Rede de Investidores Sociais Ceará, reúne um punhado de instituições que estão trabalhando por transformações positivas. E estamos buscando mais parcerias.



Aurelio Alves/O Povo

Marcos Tardin
é gerente-geral da
Fundação Demócrito
Rocha



Festival Alunos que Inspiram, do projeto Enem Mix, da Fundação Demócrito Rocha

Fernanda Barros/O Povo

PARTICIPAÇÃO EMPRESARIAL INVESTIMENTOS CONTRIBUEM PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Políticas públicas não são suficientes para atender todos os desafios da sociedade em relação às desigualdades econômicas, sociais, raciais e educacionais. Por isso, uma frente, vinda da iniciativa privada, dá suporte a essas questões. É o investimento social privado, que articula o repasse voluntário de recursos planejados, monitorados e sistemáticos. Só assim projetos e organizações sociais, ambientais, culturais e científicas recebem recursos para atuar na transformação de milhares de pessoas.

A Rede de Investidores Sociais do Ceará, a RIS CE, faz a articulação para que organizações sociais possam trocar iniciativas, experiências e refletir sobre as temáticas transversais do setor. Entre os atores estão a Fundação Demócrito Rocha (FDR), o Impacta Nordeste, o Instituto de Música Jacques Klein e a Diageo, capitaneados pelo Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, o Gife.

Marcos Tardin, gerente-geral da FDR, vê como fundamental a participação empresarial na transformação social, econômica e educacional dos cearenses. Porém, diz que, infelizmente, essa participação empresarial ainda é residual, quando comparada ao potencial de investimento social privado no Ceará. “Há um crescente discurso nessa direção, o que não deixa de ser um bom sinalizador, mesmo quando é superficial. Há, claro, iniciativas não divulgadas ou pouco publicizadas. Ainda assim, há pelo menos uma dúzia de grandes, muito grandes, empresas cearenses que não despertaram para a responsabilidade que carregam de reverter para a sociedade parte dos seus ganhos”, analisa.

A FDR atua essencialmente no campo da educação há quase 40 anos. Entre as muitas iniciativas da fundação, Tardin cita o projeto Enem Mix, em parceria com a Secretaria de

Educação do Ceará, que beneficia mais de 100 mil alunos do 3º ano do Ensino Médio da rede estadual. Em outro projeto, o Diagnóstico Social-Econômico, para a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município de Fortaleza, a FDR fez uma análise de 10 territórios, com entrevistas domiciliares e empresariais com o objetivo de analisar em profundidade o relacionamento da economia local com a segurança cidadã. Outro exemplo é o curso de extensão a distância Educação e Cidadania, em parceria com o Tribunal de Contas do Estado do Ceará, com 5.833 alunos inscritos. “Já tivemos mais de 1,5 milhão de alunos, de praticamente todos os municípios do país, inscritos em nossos cursos. Publicamos mais de 500 livros. São muitas as nossas iniciativas em andamento, sempre com a missão de promover a transformação do indivíduo e o desenvolvimento social sustentável por meio de educação a distância, programas educacionais de TV, edições de livros e ações culturais”, diz Tardin.

“Há pelo menos uma dúzia de grandes empresas cearenses que não despertaram para a responsabilidade que carregam”

MARCOS TARDIN

Na Diageo, a abordagem em relação à transformação social reflete um compromisso profundo não só com os resultados, mas com as pessoas e as histórias por trás desses números, diz o gerente de ESG, Gabriel Prudlik. “A Diageo é uma empresa que tem como propósito cele-

brar a vida, todos os dias, em todos os lugares, com uma atuação responsável tanto no consumo de seus produtos quanto na transformação social das comunidades onde está inserida”, diz o gestor. Presente em 180 países, a empresa tem um compromisso global alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS). Essas metas são a base para assegurar impactos positivos até 2030 em diversas áreas e são parte integrante da visão para momentos de celebração mais inclusivos, diversos e sustentáveis.

A base da empresa está em pilares como Equidade de Gênero, Diversidade & Inclusão e Consumo Consciente. No Brasil, o gerente destaca que diversas iniciativas reafirmam a parceria com o desenvolvimento social do país e são signatários do Mover, Movimento Equidade Étnico-Racial. E, também, realizam o programa Learning for Life com cursos gratuitos para formação de *bartenders* em todo o Brasil. “Formamos mais de 27 mil profissionais e os participantes são equipados com todas as ferramentas necessárias para atuar no setor”, informa.

Outra iniciativa, no Ceará, é o projeto Tecendo o Futuro, realizado no Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa, em Aquiraz. O projeto envolve a produção de artigos artesanais com palha de carnaúba por mulheres. Já foram acolhidas mais de 200. A iniciativa também inclui atividades de capacitação humana, contribuindo para o resgate da cidadania e ressocialização das internas. Por meio da marca Ypióca, impactam mais de mil pessoas com o Projeto Águas, que oferta acesso constante à água de boa qualidade em três comunidades no estado. “É uma ação que impacta tanto social quanto ambientalmente, oferecendo água potável e educação ambiental às comunidades”, ressalta Gabriel.

CENSO GIFE

APORTES SOCIAIS ATINGEM R\$ 4,8 BILHÕES EM 2022

O 11º Censo Gife, relativo ao ano de 2022 e que acaba de ser divulgado, revela um volume de R\$ 4,8 bilhões em investimentos sociais privados (ISP) realizados por organizações empresariais, familiares ou independentes. Esse montante equipara-se ao realizado em 2014, o melhor ano da série, iniciada em 2001. Só perde para 2020, período do início da pandemia mundial, que mobilizou recursos recordes para enfrentamento aos efeitos da Covid-19.

Gustavo Bernardino, gerente de programas do Grupo de Institutos, Fundações e Empresa (Gife), lembra que o ISP tem papel fundamental na solução de questões sociais e ambientais, pois dispõe de recursos “mais livres” que os do Estado. Além disso, é uma atuação voltada ao meio social, diferentemente do mercado. “Os investidores sociais precisam compreender que as ações que desenvolvem devem estar a serviço de enfrentar as estruturas que perpetuam as desigualdades no país, na direção de uma sociedade com maiores e melhores níveis de cidadania, justiça social e inclusão”, acredita.

Ao todo, participaram da pesquisa bienal quantitativa, autodeclaratória e voluntária, 137 respondentes, o que corresponde a 82% da base associativa do Gife no período da coleta. Trata-se de uma participação recorde de respondentes. Os aportes realizados por empresas e institutos, fundações e fundos empresariais representam 73% do total investido em 2022. A mediana de investimento feito por uma organização, seja empresarial, familiar ou independente, é de R\$ 9 milhões.

A pesquisa apresenta, ainda, que o setor é marcado pela atuação híbrida, pois 40% dos investidores sociais, no geral, doam e executam projetos próprios. Organizações de perfil mais executor, 55%, ainda são a maioria. No entanto, organizações mais financiadoras crescem em número, chegando a 43%. Do montante, 88 respondentes manifestaram ter repassado recursos a alguma Organização da Sociedade Civil (OSC) em 2022, mesmo patamar percentual da edição passada, 64%.

Importância do ISP

A Educação é o maior foco de atuação e o volume de investimento nessa área corresponde a quase R\$ 2 bilhões, cerca de 42% do total investido pelo ISP em 2022. O recorte ligado a mulheres e meninas é o que os investidores sociais mais incorporam diretamente no desenvolvimento de suas iniciativas.

A região Sudeste concentra a maior atuação de respondentes, com 72%. Já o Norte é o oposto, com 36%. O Nordeste vem logo na sequência, com 39%. Em relação a fontes de recursos, quase metade, 46%, vêm de empresas mantenedoras, seguido por rendimento de fundo patrimonial filantrópico, com 29%. O total de investimentos por meio da utilização de incentivos fiscais chega a R\$ 486 milhões, ou 10% do total.

Para Gustavo Bernardino, o Gife desempenha um importante papel de pautar o setor, colocar pares para trocarem entre si, produzir conhecimento sobre o campo do ISP e mesmo do terceiro setor, além de estabelecer referências para uma atuação mais transfor-



Divulgação

“Os investidores sociais precisam compreender que as ações que desenvolvem devem estar a serviço de enfrentar as estruturas que perpetuam as desigualdades no país.”

GUSTAVO BERNARDINO

madora do investimento social. “Sendo uma associação representativa deste setor, o Gife tem buscado pautar sua atuação no sentido de influenciar a ação desses atores para desenvolverem seus programas e projetos na direção de enfrentar as dificuldades que temos como país”, reflete.

E são muitas as dificuldades, seja na seara ambiental, ligada à conservação, ao olhar para as mudanças climáticas ou à sustentabilidade do uso dos recursos hídricos, seja na social, entendendo e buscando formas de superar as desigualdades na Educação, na Saúde e no acesso à Cultura. “Para isso ter ainda mais forma, o Congresso Gife, realizado em abril e que é o maior evento do setor filantrópico no Brasil, foi pródigo em discussões voltadas a enfocar essas questões”, finaliza o gerente do Gife.

GIFE

O Grupo de Institutos, Fundações e Empresas foi criado em 1995, com 25 membros, e hoje tem 170 associados.

OS MEMBROS DO GIFE ESTÃO DISTRIBUÍDOS EM TRÊS PERFIS:

Empresariais, que têm uma empresa mantenedora ligada ao investimento social;
Familiares, que têm uma família filantropa realizando a ação social;
Independentes, não vinculados a uma empresa ou família.

CENSO GIFE

O Censo Gife é realizado a cada dois anos. É aplicado junto à base de empresas, institutos e fundações associados ao Gife e contou com 137 respondentes em 2022.

Organizações respondentes por região de atuação, 2022

Sudeste

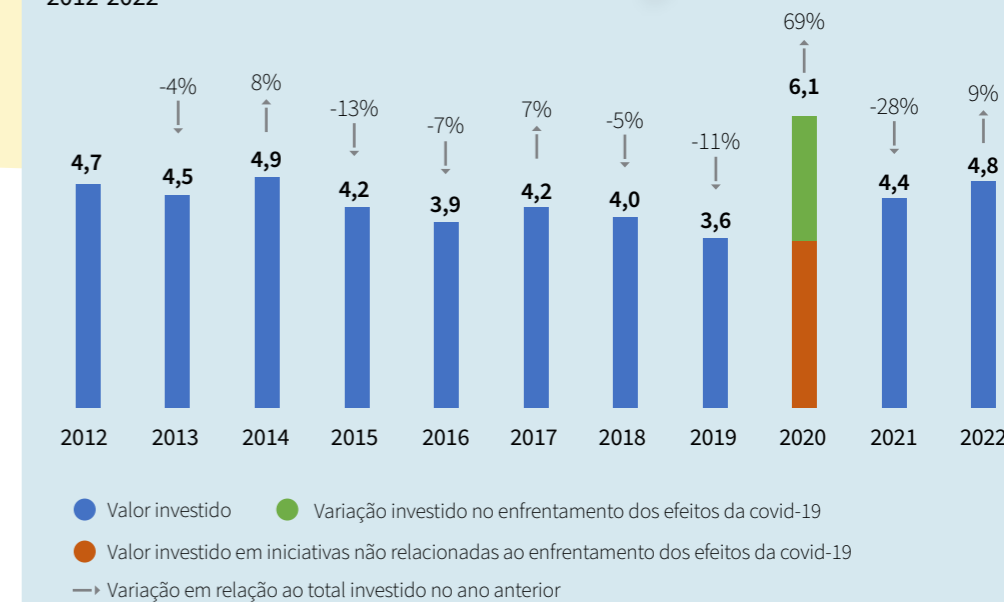
é a região em que se concentra maior atuação de respondentes

Norte

é a região que concentra a menor atuação dos respondentes

VOLUME DE INVESTIMENTO SOCIAL

Evolução de Investimento total, 2012-2022



ENTREVISTA COM GEYZE DINIZ

"SOMOS O PAÍS DA INCOERÊNCIA"

Há dois anos dedicando grande parte do seu tempo ao Pacto Contra Fome, Gezyze Diniz, cocriadora do projeto, conta sobre sua atuação em causas sociais e seus projetos ao RIS Ceará. Mãe da Rafaela e do Miguel, está há 19 anos casada com o empresário Abílio Diniz. Formada em Economia, sua trajetória profissional inclui multifunções que vão desde compras até planejamento estratégico. Trabalhou durante oito anos no Grupo Pão de Açúcar e depois foi conselheira pelo mesmo tempo. Atualmente, é conselheira da Península e do Instituto Península, faz parte do Conselho do Instituto Verdescola e do Conselho Social da Fiesp, e atua como vice-presidente do Conselho do Masp. Em 2018, fundou com o marido o Plena, uma plataforma de bem-estar e longevidade.

RIS Ceará: Por que decidiu atuar em causas sociais?

Gezyze Diniz: Durante a pandemia da Covid-19 pensei no imenso problema que iríamos enfrentar com o fechamento das escolas e muitas crianças dependendo da merenda como a principal refeição. Passei a me envolver muito no trabalho de assistência social e ajudei a cocriar o UniãoSP. Arrecadamos recursos e distribuímos 900 mil cestas básicas em São Paulo. Em 2021, ainda com uma imensa necessidade de doações, participei da criação da campanha nacional "Panela Cheia Salva" e arrecadamos o suficiente para distribuir cerca de 4 milhões de cestas básicas.

Após essa vivência, entendi que quando somamos esforços, o impacto é muito maior, e quis me aprofundar e estudar ainda mais. Solicitei à Consultoria Integration um estudo sobre a fome no Brasil, o desperdício de alimentos e suas correlações. A análise mostrou que, em 2022, cerca de 33 milhões de brasileiros estavam em situação de fome, o nível mais grave de insegurança alimentar. Além disso, foram desperdiçadas cerca de 55 milhões de toneladas de alimentos, des-



Gezyze Diniz, fundadora do Pacto Contra a Fome

de a produção até a mesa do consumidor. Isso equivale a 8x o que seria suficiente para alimentar essa população com fome. Isto me gerou um inconformismo enorme.

RIS Ceará: Por que decidiu fundar o Pacto Contra Fome?

Gezyze: Em setembro de 2021 me reuni com um grupo de 40 pessoas inconformadas com a situação e cocriamos o Pacto Contra a Fome. Esse projeto nasceu da inquietude de querer entender o tema da fome, do inconformismo de ter tantas pessoas sem ter o que comer em um país que é um dos maiores produtores e

exportadores agrícolas do mundo, e da incoerência de termos tantos alimentos não aproveitados e jogados no lixo. Devemos reconhecer que esse é um desafio coletivo que requer a colaboração de diversos atores. Nosso lema é não "reinventar a roda", reconhecemos que já existe conhecimento, pesquisas e pessoas atuantes na causa, mas temos que agir de forma sincronizada, coordenada para que as ações sejam estruturantes e permanentes.

RIS Ceará: De que forma o Pacto Contra Fome atua?

Gezyze: É um trabalho desafiador que depende de ações coordenadas entre toda a sociedade e os setores. O Pacto Contra a Fome deseja ser esse espaço de diálogo sobre os caminhos e de visibilidade das soluções. Políticas públicas bem desenhadas e implementadas nos três níveis da federação e com os três poderes. Cidadãos, sociedade civil e movimentos de base participando ativamente da resolução do problema e de forma conectada. A fome deve ser uma pauta para todas as pessoas. Empresas e o mercado financeiro, com especial destaque à cadeia de alimentos, atuando com responsabilidade pelo direito humano à alimentação adequada e sustentável. Fomentamos e desenvolvemos modelos de produção, distribuição e acesso aos alimentos mais saudáveis e sustentáveis. Temos evidências, dados e conhecimento sobre o problema e as reais necessidades da população, apoiando as políticas públicas e a atuação da sociedade civil. Estamos atuando em parceria com diferentes atores da sociedade, em três pilares distintos: Inteligência; Articulação e Incentivos

O Pacto Contra a Fome parte de uma perspectiva baseada em dados e evidências para atingir um objetivo: erradicar a fome de forma estrutural e permanente."

RIS Ceará: Como analisa as questões de desigualdades no País, fome e insegurança alimentar?

Gezyze: Somos a 12ª economia mais rica do mundo, e ao mesmo tempo, estamos entre os países mais desiguais, perdendo apenas para seis países do continente africano. Temos 30% da nossa população em situação de pobreza. Somos o 3º maior produtor de frutas do mundo, mas, ao mesmo tempo, 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil, e 125 milhões, o que equivale a 6 em cada 10 brasileiros, possuem algum tipo de insegurança alimentar. Somos o país da incoerência. É impossível falar de fome sem falar de desigualdade social. O Pacto Contra a Fome parte de uma perspectiva baseada em dados e evidências para atingir um objetivo: erradicar a fome de forma estrutural e permanente. Temos nos dedicado a entender as causas raízes da fome no Brasil, e as evidências científicas e a visão de especialistas são unânimes em afirmar: a desigualdade social é uma das principais causas da fome no Brasil.

O projeto tem como visão tornar o Ceará o primeiro estado a zerar a fome no Brasil por meio de uma articulação multissetorial que (...) deve envolver todos os atores no estado: setor público, privado e organizações da sociedade civil"

RIS Ceará: Sabemos que nas regiões Norte e Nordeste esse problema é ainda maior. O Pacto Contra a Fome escolheu o Ceará para iniciar o movimento no Nordeste. De que forma isso irá acontecer?

Gezyze: A fome está presente em todos os estados brasileiros, mas 56% das pessoas em situação de insegurança alimentar grave estão concentradas em apenas seis deles. O Ceará é um desses estados, e é nele que iniciaremos um piloto. Quando olhamos para a realidade do território, 26,3% de sua população está em situação de insegurança alimentar grave - a fome, e apenas 18,2% vivem em situação de segurança alimentar, segundo dados da Vigitel

de 2022. Além disso, 15,1% da população está em situação de extrema pobreza e 46,8% em situação de pobreza. Diante disso, o projeto tem como visão tornar o Ceará o primeiro estado a zerar a fome no Brasil por meio de uma articulação multissetorial que visa fortalecer iniciativas e políticas públicas de combate à fome dentro do território cearense, e deve envolver todos os atores no estado: setor público, privado e organizações da sociedade civil. Neste momento, estamos realizando um diagnóstico para entender as oportunidades e desafios que teremos para apoiar e fortalecer as ações contra a fome no Ceará.

RIS Ceará: Como vê o papel dos filantropos, *family offices*, institutos e fundações na erradicação da fome e outros problemas socioambientais?

Gezyze: O papel desses atores é significativo e desempenha uma função importante no cenário global. Essas entidades têm recursos financeiros consideráveis, conhecimentos especializados e capacidade de mobilização para enfrentar desafios sociais e ambientais de grande escala. Existem algumas maneiras pelas quais eles podem contribuir, como o financiamento de iniciativas, projetos e programas destinados a combater a fome, promover a segurança alimentar e abordar problemas socioambientais. Financiamento de inovação e pesquisa podem impulsionar o desenvolvimento de soluções eficazes. Advocacy e sensibilização, além do financiamento direto, filantropos e fundações têm a capacidade de sensibilizar e advogar por questões sociais. Podem influenciar políticas públicas, envolver a comunidade e conscientizar sobre a importância da erradicação da fome. Nas parcerias estratégicas podem colaborar com governos, organizações não governamentais e empresas. Essas parcerias podem aumentar a eficácia das iniciativas, permitindo a combinação de recursos e expertise para abordar problemas complexos de maneira mais abrangente. E por último, a mensuração para entender o impacto real dessas ações. Isso é fundamental para garantir que os recursos sejam alocados de maneira eficaz, e possibilita o aprendizado com as experiências passadas para melhorar futuras intervenções.

No entanto, é importante observar que o papel dessas entidades não substitui o papel

fundamental dos governos na formulação e implementação de políticas abrangentes. A colaboração entre setores, incluindo o público, o privado e o terceiro setor, é essencial para enfrentar desafios complexos e alcançar resultados permanentes. Falando especificamente no combate à fome, um passo importante é entender que essa é uma causa urgente, e hoje, esse é um problema que muitos ainda não enxergam. É preciso de engajamento coletivo, só conseguiremos acabar com a fome se a população entender que essa é uma responsabilidade de todos.

RIS Ceará: Como empresários e famílias de alta renda podem impactar positivamente a vida de quem realmente necessita?

Gezyze: Algumas formas são as doações responsáveis para contribuir financeiramente para organizações de caridade e projetos sociais que estejam alinhados com causas sociais relevantes. Essa é uma maneira direta de fazer a diferença. Mas, é preciso escolher organizações transparentes e eficientes na aplicação dos recursos. Tem o engajamento ativo, que além de doações, o envolvimento ativo em projetos sociais pode ser muito eficaz. Empresários e famílias podem dedicar tempo e habilidades diretamente para ajudar na implementação de programas, trazendo experiência e conhecimento para impulsionar iniciativas. Parcerias estratégicas para colaborar com outras empresas, ONGs, e agências governamentais pode amplificar o impacto. Estabelecer parcerias estratégicas cria sinergias, aproveitando recursos e conhecimentos diversificados para abordar desafios sociais de maneira mais abrangente. Já pela inovação social é possível apoiar e investir em iniciativas inovadoras que abordam desafios sociais de maneira criativa pode ter um impacto duradouro e transformador. Usar a influência e visibilidade para advogar por mudanças sociais e políticas é também uma maneira poderosa de impactar sistemas mais amplos e criar um ambiente mais justo para todos. É importante que empresários e famílias de alta renda abordem essas ações com um compromisso genuíno e sustentado, garantindo que o impacto positivo seja duradouro e significativo.

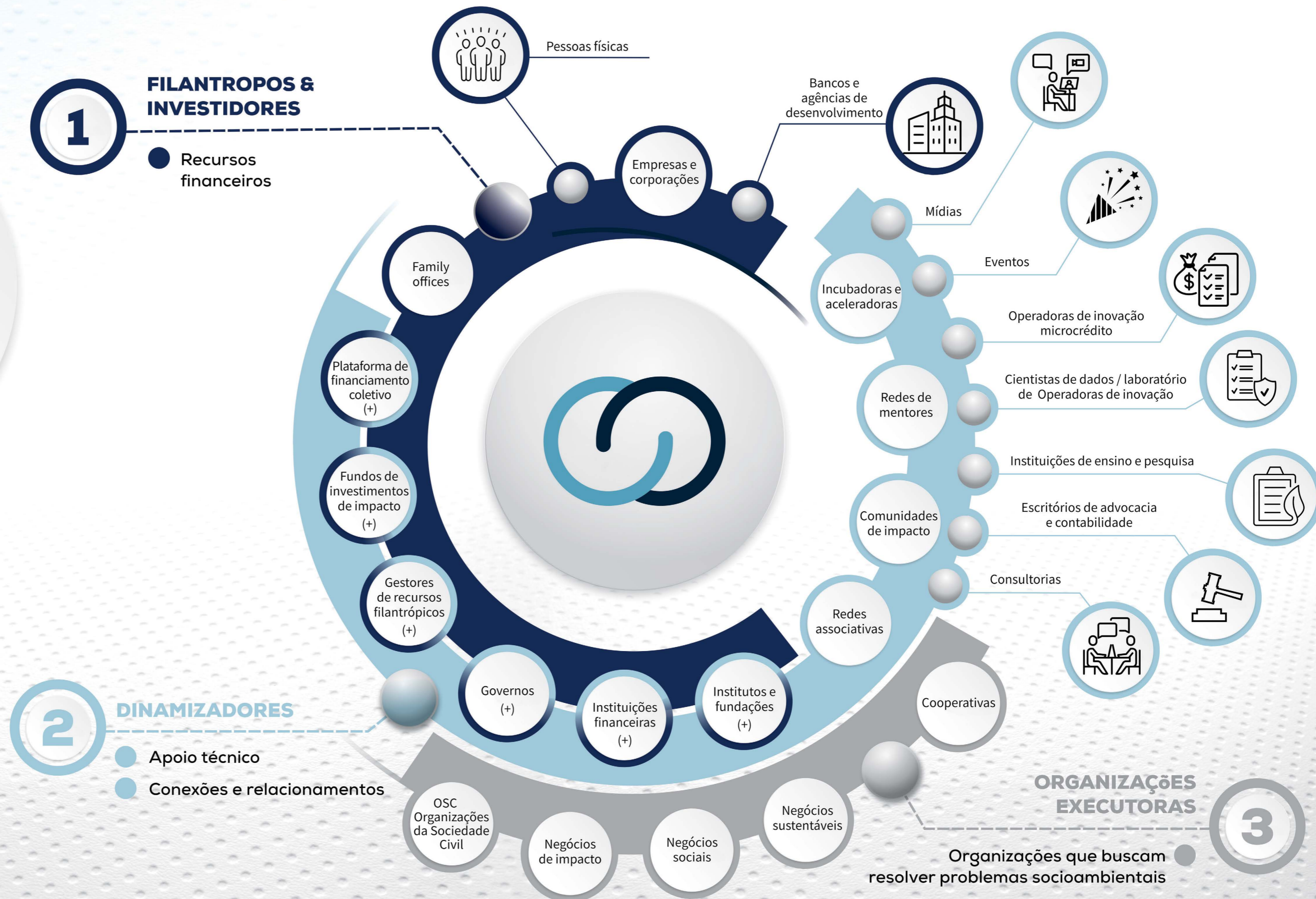
INVESTIMENTO SOCIAL PRIVADO E ECONOMIA DE IMPACTO

Veja o caminho que os recursos financeiros percorrem.

Tudo começa com os filantropos e investidores (1), que recorrem aos dinamizadores (2) para apoio técnico, conexões e relacionamentos. Só então as organizações executoras (3) são acionadas, na busca pela solução de problemas socioambientais. Cada uma dessas etapas tem vários atores.

(+) = são simultaneamente

Fonte: Coalizão pelo Impacto Fortaleza



ESTUDO

NEGÓCIOS DE IMPACTO CHEGAM A ESTÁGIO DE MATURIDADE NO BRASIL

O 4º Mapa de Negócios de Impacto, realizado este ano pela Pipe Social e pela Quintessa, mostra que os negócios de impacto social e de impacto socioambiental, que chegaram ao país em meados da década de 2010, apresentam uma tendência de maturidade com empreendedores mais velhos, acima dos 30 anos, negócios com mais tempo de existência, formalizados, com times maiores e mais clareza do conceito de impacto positivo. O desafio, segundo a pesquisa, se mantém em caminhar pelas fases do negócio com mais cadência. A maioria dos empreendedores ainda se encontra na organização dos negócios, tendo ainda modelos de negócios não validados ou com desafios de se estruturar como empresa e organização da gestão.

Por outro lado, a base de negócios com soluções verdes continua crescendo com o passar do tempo dentro do Mapa de Negócios de Impacto. Em destaque no país e com alta representatividade, que inclui energias limpas, gestão de resíduos e floresta e uso do solo, as pautas ESG influenciaram no desenvolvimento de mais negócios de impacto que atuam dentro dessas métricas. Em especial, a balança para soluções verdes e mercado de carbono.

Com isso, vem o crescimento de inovações tecnológicas, especialmente no agronegócio e em cidades inteligentes. E também uma tendência de soluções tecnológicas iniciarem o desenvolvimento de *spin offs*, ou novos negócios, que crescem sozinhos a partir de uma solução desenvolvida na empresa-mãe.

Coordenadora da iniciativa Coalizão pelo Impacto em Fortaleza, Bia Fiuzza confirma que os negócios de impacto são uma ferramenta eficiente para o combate às desigualdades sociais e às mudanças climáticas. “Podem ser importantes aliados das iniciativas do poder



Divulgação

público, das organizações do terceiro setor, e das iniciativas de ESG das empresas tradicionais para lidar com os desafios socioambientais que enfrentamos”, declara.

Estes negócios, que existem para resolver problemas socioambientais, propondo soluções diretamente ligadas à sua atividade principal, são financeiramente sustentáveis, o que muitas vezes possibilita sua perpetuidade e a escalabilidade do impacto. Um exemplo que Bia cita é o Muda Meu Mundo, negócio de tecnologia que conecta diretamente agricultores familiares com redes varejistas, tirando os atravessadores da relação e, assim, ampliando a renda dos produtores, qualificando a produção dos alimentos e diminuindo consideravelmente o desperdício de alimentos. Cita também a YBY, que presta serviços de coleta domiciliar de resíduos sólidos, recicláveis e orgânicos, dando uma correta destinação para os resíduos e contribuindo para a renda de catadores das associações com as quais colaboram.

Outro negócio de impacto lembrado por Bia é a Empoderar-Te, empresa de mentoria para pequenos negócios da periferia, prioritariamente liderados por mulheres, que trabalha a qualificação acessível e geração de renda de quem está na base da pirâmide. “Entendo que apoiar a criação e o crescimento dos negócios de impacto pode ser uma estratégia importante para avançarmos na agenda de desenvolvimento sustentável”, diz.

Ecosistema e investimentos

A gestora da Coalizão Fortaleza pondera que para que qualquer negócio avance é importante que haja todo um ecossistema de apoio. “Estamos falando de oferta de capacitação, dados, crédito, apoio técnico, eventos de conexão, políticas públicas, entre outros

elementos. Tudo isso é ofertado pelos dinamizadores dos ecossistemas: academia, incubadoras e aceleradoras, Sistema S, bancos, agências de fomento, governo... E estes têm um papel importantíssimo para que empreendedores acessem essa nova lógica de mercado, desenvolvam a capacidade de elaborar ideias inovadoras de negócio e de tirá-las do papel”, detalha.

Bia descreve o trabalho da Social Brasilis, que por meio de um apoio financeiro da Coalizão pelo Impacto, está realizando o Social Lab, um programa de incubação para 11 negócios de impacto periféricos, que estão desenvolvendo e testando ideias para resolver problemas socioambientais reais da nossa cidade. Assim como a Universidade Federal do Ceará (UFC), que vem ampliando o número de pesquisas voltadas para o tema, a oferta de conteúdo sobre Economia de Impacto em disciplinas de graduação e mestrado, e ainda os programas de extensão que buscam impulsionar o ecossistema.

Para Bia, os recursos filantrópicos podem ser um caminho para apoiar a estruturação do ecossistema, capacitando os profissionais que podem apoiar os empreendedores de impacto, financiando programas de articulação entre setores, realização de eventos, estudos e pesquisas. E podem, também, contribuir como capital semente para os primeiros passos de pequenos negócios, principalmente na periferia, num estágio da jornada empreendedora em que ainda há demandas de testes e os resultados são incertos.

“O capital filantrópico de empresas, indivíduos, famílias e organizações doadoras tem o poder de catalisar todo um movimento para desenvolver soluções. É o caso do Delta V, programa financiado pelo Banco do Nordeste e realizado pela aceleradora Casa Azul, que vem ofertando apoio técnico para 60 startups, dentre elas várias com modelo de negócios de impacto, para que possam ampliar seus resultados e impulsionar suas soluções”, diz Bia. Para além da filantropia, acredita que os investidores que buscam retorno, em diferentes níveis, podem encontrar hoje um ambiente favorável para apoiar negócios de impacto por meio de *equity*, empréstimos, *bonds*, entre outros mecanismos já existentes no mercado.

Com sede em Fortaleza, a Somos Um é uma articuladora de negócios de impacto. Ela existe para apoiar, de diferentes formas, empreendedores sociais na sua jornada e promover ações, capacitações e eventos que promovam a maturidade do ecossistema de impacto no Estado e no Nordeste, podemos chamar também de uma organização estruturante. “Também atuamos com investimentos de impacto. Neste ano de 2023, fundamos, em parceria com a Yunus Negócios Sociais e a TRÉ Investindo com Causa, o Zunne, um programa de investimentos para negócios de impacto que prioriza aqueles localizados no Norte e Nordeste e que possuam lideranças femininas, negras ou indígenas”, explica Ticiania Rolim, fundadora da Somos Um.

O Zunne surgiu pela percepção da necessidade, a partir da própria experiência da Ticiania como investidora de impacto, de mais investimentos voltados para o Norte e Nordeste. Os fundos tradicionais de investimento estão olhando geralmente para negócios que faturam mais de R\$ 3 milhões no ano, já o Zunne olha principalmente para mulheres, pessoas negras e indígenas, que faturam acima de R\$ 400 mil.

Ticiania considera que existe uma lacuna de falta de investimentos entre o microcrédito e os negócios que já faturam mais de R\$ 3 milhões. Por isso, desenhou com seu time uma plataforma de empréstimo para esses negócios. “Fizemos uma chamada aberta e selecionamos 13 negócios no Norte e Nordeste para participarem do programa. Além disso, para que esses negócios alcancem um nível de maturidade, o apoio não financeiro também é importante e por isso realizamos mentorias, durante quatro anos, que é o tempo de repagamento”, revela.

Entre esses negócios estão Arara Azul, Catarina Mina, Giardino Buffet, Muda Meu Mundo, Na'kau Chocolate Amazônico, Oikos Habitações e Reformas, Poranduba Amazônia, Refazenda, Roma Negra, SDW, Sucré, Um Grau e Meio, e Yantech. A fundadora da Somos Um avalia que, no Ceará, a pauta de negócios de impacto ainda é muito recente, muito embrionária. E que é preciso trabalhar muito para elevar a maturidade dela e expandir mais o

conceito de investimento de impacto.

“Para muitas pessoas, o impacto ainda está conectado muito mais com filantropia do que com investimento. As pessoas com mais privilégios têm dois bolsos, o do investimento e o da filantropia. O investimento de impacto não concorre com a filantropia. Ele fica no bolso de investimento, concorre com o seu dinheiro investido nos bancos tradicionais. Como é um assunto muito recente, poucas pessoas têm essa compreensão”, finaliza.

PERFIL DOS EMPREENDEDORES

Gênero dos fundadores e liderança

- 42% Misto de homens e mulheres
- 22% Apenas homens
- 21% Apenas mulheres

Raça e etnia

- 33% Somente brancos
- 25% Mais de uma raça ou etnia
- 11% Apenas pretos ou pardos

Faixa etária do principal fundador ou liderança

- 18% De 35 a 39 anos
- 16% De 40 a 44 anos
- 15% De 30 a 34 anos

Escolaridade

- 61% Pós-graduação/mestrado/doutorado/pós-doutorado
- 29% Superior completo

Fonte: 4º Mapa de Negócios de Impacto - 2023

ORGANIZAÇÕES FAMILIARES

VULNERABILIDADE SOCIAL É TRANSFORMADA EM DIGNIDADE

A União deve proporcionar e garantir os direitos básicos a todos os cidadãos, conforme a Constituição Brasileira. Porém, com as falhas dos governos federal, estadual e municipal em atender especialmente os mais necessitados, institutos e fundações criados por famílias de alta condição financeira acabam assumindo parte desse papel, com ações filantrópicas ou de investimento social privado em diferentes modelos de gestão.

Em Fortaleza, temos bons exemplos. Como a Casa de Vovó Dedé, mantida em grande parte por meio dos recursos destinados por empresas através do Mecenato Estadual e da Lei Rouanet. O diretor executivo da instituição, Wagner Barbosa, explica que os financiadores aportam recursos nas ações de custeio dos cursos de formação ou em projetos específicos, como o Revelarte e o Festival Internacional de Música Instrumental – Mansueto Barbosa.

Com quase 31 anos, a Casa de Vovó Dedé surgiu da ação de uma família que resolveu trabalhar em benefício do próximo. Tudo começou com Mansueto Barbosa e, a partir da união de sua esposa, a professora Regina Barbosa, e dos seus filhos, o projeto foi sendo construído. “Contudo, há sempre um limite para essas ações de filantropia. A partir da falta de seu fundador e provedor maior, a entidade teve que se reinventar para buscar recursos de outras fontes”, conta Barbosa.

Para a família, a Casa tomou uma dimensão de impacto social tão grande que não cabe pensar somente em uma ação de um pequeno grupo familiar. E a necessidade cada vez maior de contar com professores e profissionais qualificados exige uma governança profissionalizada. “Somente assim são geradas as condições ideais para que os trabalhos desenvolvidos se reflitam nos impac-

tos necessários para a transformação de uma comunidade”, afirma o diretor.

Atualmente, são ofertados gratuitamente 20 cursos de música e diversos cursos livres técnicos profissionalizantes nas áreas do audiovisual e tecnologia para crianças e jovens, de 6 a 29 anos, moradores da periferia e que vivem em situação de vulnerabilidade social. Um dos principais desafios que a Casa enfrenta é o da autossustentabilidade, e por isso está construindo uma gama de projetos com o intuito de gerar receita própria.

Novas oportunidades

As organizações familiares desempenham um papel crucial no desenvolvimento da comunidade, mesmo que não sejam ne-

cessariamente do mesmo território, acredita a diretora executiva do Instituto Musical Jacques Klein (IMJK), Fabrícia Abrantes. “Essas organizações muitas vezes trazem consigo valores fundamentais, vínculos pessoais e um profundo compromisso com a melhoria das condições de vida. Ao colaborar além dos limites geográficos, podem trazer perspectivas diversas e recursos adicionais para as comunidades que atendem”, explica.

Dessa forma, as Organizações Não Governamentais (ONGs) criadas por famílias, independentemente da localização, contribuem para o desenvolvimento comunitário ao proporcionar soluções inovadoras e impactar positivamente a vida das pessoas. O IMJK, fundado em 2012, opera com base em uma estrutura de sustentação multifacetada e sua



Casa de Vovó Dedé: impacto social vai muito além da ação de um pequeno grupo familiar



Instituto de Música Jacques Klein: formação musical de excelência para crianças e jovens

manutenção é viabilizada por meio de parcerias, patrocínios, doações e, em alguns casos, recursos provenientes de leis de incentivo à cultura do Mecenato Estadual.

A instituição realiza, por exemplo, o Programa de Música Jacques Klein, formação musical de excelência para crianças e jovens, promovendo cursos e atividades artísticas. Já o Programa Envolver de Desenvolvimento Humano atua no suporte psicossocial e desenvolvimento humano, fortalecendo vínculos familiares e sociais. Além disso, a realização de concertos, residências artísticas, seminários e encontros contribuem para a difusão cultural e a captação de recursos. “Isso não apenas beneficia os alunos, mas também estabelece conexões com a sociedade, ampliando o alcance e o impacto do IMJK”, diz a diretora executiva.

No projeto são assistidas crianças a partir dos 4 anos, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social em Fortaleza. Anualmente, cerca de 450 pessoas são beneficiárias, totalizando mais de 3.050 desde 2012. Com mais de 3.900 aulas anuais, 25 mil lanches distribuídos anuais e 152 ensaios realizados todos os anos. “Em junho de 2024 vamos abrir uma nova unidade no bairro Passaré, que atenderá mais de 200 beneficiários. Até 2026, vamos estabelecer a nossa própria Orquestra Sinfônica, abrangendo não apenas instrumentos de cordas, mas também de percussão e sopro”, celebra Fabrícia.

Modelo de gestão Grantmaker

Já a Fundação Beto Studart de Incentivo ao Talento (FBS) é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), sem fins lucrativos, criada em 2004 para apoiar e estimular talentos, promover o voluntariado, incentivar a educação, a cultura, o esporte e o desenvolvimento social, com prioridade para atendimento à população exposta a vulnerabilidades sociais.

A vice-presidente da FBS, Ana Studart, conta que a Fundação adota o modelo de gestão Grantmaker, financiando projetos desenvolvidos por outras OSCs que se identificam com a mesma missão. “Temos ainda como linha de trabalho as alianças estratégicas, firmando parcerias e estreitando laços com outras instituições”, revela.

Ana informa que a concessão de bolsas oportuniza a crianças, jovens e adultos de baixa renda a formação e profissionalização, com conquistas importantes no Brasil e no exterior. Já foram concedidas 1.061 bolsas e beneficiados 438 projetos de outras OSCs. “O apoio dado pela Fundação às OSCs atende pessoas em diferentes faixas etárias, com ações de geração de renda, abrigamento de crianças, idosos, atendimento aos moradores de rua, recuperação de dependentes químicos, resgate de autoestima, redução da fome”, detalha a vice-presidente.

Desenvolvimento humano e territorial

Fabrini Andrade diretora e head de impacto e inovação social do Instituto Povo do Mar (Ipom), diz que há 13 anos a OSC garante direitos e cria oportunidades em territórios de grande vulnerabilidade social. “Atuamos com desenvolvimento humano e territorial. Utilizamos o esporte, a arte, cultura e tecnologia como ferramentas de transformação social.”

O público alvo são crianças e adolescentes de 5 a 17 anos, suas famílias e comunidades. Hoje, são quase mil vidas conectadas diretamente aos projetos e programas. Fabrini declara mobilizar mais de R\$ 3 milhões por ano com estratégias de incentivos fiscais, editais públicos e privados e investimento social privado e, ainda, parcerias com o poder público. “Acreditamos que o amor transforma vidas e fazemos dessa crença nosso combustível diário. Temos como estratégia para a mobilização de recursos estabelecer diálogo, numa interface real entre os setores sociais para potencializar nossa atuação.”

Ela acredita que hoje existe um cenário favorável para o fortalecimento do Terceiro Setor, para o reconhecimento do seu papel econômico e social com a Agenda Global ESG e ODS, que têm feito o mundo corporativo repensar suas práticas. “Porém, lamentavelmente há um caminho longo até o diálogo ser mais eficaz, com ações concretas que promovam uma transformação mais dinâmica. Já se sabe que as organizações do terceiro setor chegam aonde o governo não consegue. Mas, é necessário que os investimentos sejam feitos com transparência e de maneira recorrente, que haja confiança e respeito mútuos para então termos um impacto em rede”, finaliza.

GLOSSÁRIO

CAPITALISMO CONSCIENTE – Prática na condução de negócios que não se restringem apenas à geração de lucro, renda e empregos, mas também a valores de bem-estar sociais.

CIS – Sigla de Contrato de Impacto Social, mecanismo de contratação pública e financiamento privado de serviços sociais com pagamento condicionado ao atingimento de metas de resultados sociais, aferidos por um avaliador independente. A duração típica de um CIS é de 3 a 7 anos.

ECOSSISTEMA – Conjunto de atores interdependentes conscientes de seu papel e que atuam em rede, preocupados não apenas com os outros atores, mas também com a qualidade das relações entre eles.

ESG – Sigla em inglês para Environmental (meio ambiente), Social e Governance (governança). É um conjunto de padrões e boas práticas para apontar se uma empresa é socialmente consciente, sustentável e corretamente gerenciada.

FILANTROPIA – Doações, não necessariamente financeiras, de pessoas físicas, jurídicas ou famílias direcionadas para apoio às causas sociais e ambientais.

GRANTMAKING – Termo em inglês sem tradução precisa em português. Define estratégia de atuação adotada por fundações, institutos, fundos filantrópicos, empresas e outros investidores sociais (grantmakers). São repasses de recursos financeiros, de forma estruturada, para organizações ou iniciativas de interesse público.

IMPACTO COLETIVO – Forma de atuação colaborativa e intersetorial em torno de causas para solução de desafios socioambientais ou desenvolvimento positivo de um setor ou ecossistema.

INOVAÇÃO SOCIAL – Solução focada nas necessidades humanas, mais eficiente e justa do que as existentes para resolver um problema socioambiental. Tecnologias de alto impacto social são cada vez mais baratas e acessíveis, oferecendo escala, autonomia, acesso e transparência para cada vez mais pessoas.

INOVAÇÃO SOCIAL ABERTA – Conjunto de ações para o desenvolvimento de soluções inovadoras ao lado de parceiros externos, que podem ser startups ou outras empresas.

INTERMEDIÁRIOS – Também chamados de “dinamizadores”, são organizações que fazem o “meio de campo” no ecossistema, apoiando empreendedores de negócios de impacto no fortalecimento da gestão, modelo de negócio, na conexão com investidores e parceiros.

ISP – Sigla de Investimento Social Privado, entendido como o repasse voluntário de recursos privados de forma planejada, monitorada e sistemática para projetos sociais, ambientais, culturais e científicos de interesse público.

NEGÓCIO DE IMPACTO – Empresa cuja atividade central está em oferecer soluções escaláveis para problemas sociais e ambientais. A distribuição de todo ou de parte do lucro é feita entre os acionistas, com a visão de atrair recursos para viabilizar o crescimento do negócio.

NEGÓCIO SOCIAL – Empresa focada em solucionar algum problema social ou ambiental e que reinveste 100% do lucro no próprio negócio.

NIP – Acrônimo de Negócios de Impacto da Periferia, criados a partir das dores de empreendedores que vivem na base da pirâmide, ligados a sobrevivência, sonho e fortalecimento da autoestima.

MENSURAÇÃO DE IMPACTO – Estudo para conhecer e julgar em que medida uma intervenção, seja um negócio, política ou projeto, gera mudanças na realidade sobre a qual incide.

ODS – Sigla de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os 17 ODS foram estabelecidos pela Organização das Nações Unidas em 2015 e desde então são uma linguagem comum para vários atores do ecossistema como: governos, empresas, organizações da sociedade civil e movimentos sociais.

PACTO GLOBAL – Iniciativa voluntária que fornece diretrizes para a promoção do crescimento sustentável e da cidadania. Quem integra o Pacto Global assume a responsabilidade de contribuir para o alcance dos 17 ODS.

SELO B – Identificação de Empresas B Certificadas, que passam por rigoroso processo de avaliação em 5 dimensões: governança, modelo de negócio, impacto ambiental, impacto na comunidade e relações com colaboradores.

VALOR COMPARTILHADO – Políticas e práticas operacionais que aumentam a competitividade de uma empresa, ao mesmo tempo em que melhoram as condições socioeconômicas nas comunidades em que a empresa atua.

VENTURE PHILANTHROPY – Combinação da alma da filantropia com o espírito de investimento, resultando em uma abordagem de alto engajamento e de longo prazo para apoiar organizações na geração de impacto social e ambiental positivo.

OPINIÃO

O PODER DA COLABORAÇÃO PARA SUPERAR OS DESAFIOS DO NORDESTE

Enfrentar desafios sociais complexos requer múltiplas abordagens. Desenvolver parcerias estratégicas para enfrentar questões críticas, como saúde pública, meio ambiente e desigualdades sociais, é essencial para obter resultados efetivos e duradouros. Tendo em vista os seus desafios sociais, o Nordeste, terra de potências e contrastes, é um terreno fértil para a colaboração e implementação de soluções inovadoras.

Parcerias entre empresas, universidades e governos impulsionam mundialmente avanços notáveis em áreas como tecnologia, saúde e educação. Modelos como a trílice hélice, muito utilizado no campo da inovação, demonstram como a colaboração entre setores gera inovação e crescimento. Ao adicionar a sociedade civil a esse modelo, cria-se uma sinergia capaz de catalisar transformações sociais significativas.

Nesse contexto, o Investimento Social Privado (ISP) emerge como uma poderosa ferramenta na construção de uma sociedade mais equitativa. Segundo dados do Censo GIFE 2023, 39% dos institutos e fundações empresariais atuam no Nordeste. No Sudeste são 72%. Observam-se esforços, como a Coalizão pelo Impacto, para articular investimentos que promovam impacto social positivo na região. Mas ainda há muito espaço para crescer, tanto em quantidade quanto em qualidade. Há uma predominância de ações assistenciais, que são importantes e devem continuar, mas não promovem a verdadeira emancipação.

O ISP, combinado de maneira sinérgica com a academia, setor público e organiza-

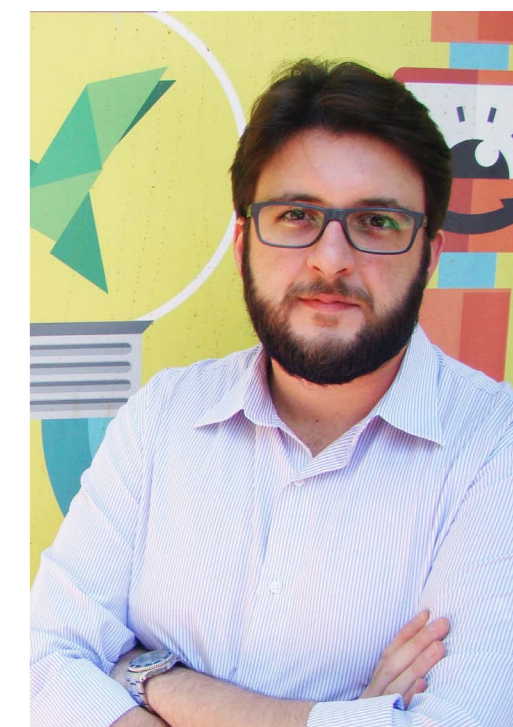
ções sociedade civil (OSCs), pode impulsionar soluções para diversos problemas sociais. A academia, por exemplo, pode cocriar uma tecnologia social em parceria com uma OSC a partir de uma demanda da sociedade civil. Essa solução pode ser impulsionada com a ajuda do setor privado via ISP, enquanto o setor público pode absorver a solução, caso ela obtenha bons resultados, e aplicá-la em larga escala.

Promover a colaboração estratégica entre academia, empresas, governo e organizações da sociedade civil pode ser a chave para desenvolver soluções para os desafios sociais do Nordeste

Exemplos de sucesso dessa interação existem no Ceará. A Nina, um negócio de impacto social, desenvolveu uma tecnologia para ser integrada a aplicativos de transporte público para combater o assédio sexual. A ideia nasceu da experiência pessoal da empreendedora Simony Cesar. Ela desenvolveu um protótipo da solução quando estudava na UFPE. Sem capital próprio, ela só conseguiu avançar com o desenvolvimento da solução com a ajuda de editais de empresas privadas por meio do ISP. Com a solução pronta, a Prefeitura de Fortaleza incorporou a tecnologia em seu app de mobilidade urbana. Em 2023, o NINA 2.0 registrou 409 denúncias na capital Cearense.

O case da Nina traz muitos aprendizados e mostra como o ISP pode impulsionar solu-

ções para problemas sociais. Mas é importante destacar que, embora tenha envolvido diversos setores, sua jornada não ocorreu de forma articulada. Imagine quantas soluções poderiam ser criadas se a academia, as empresas, os governos e as OSCs colaborassem de forma articulada e estratégica? Essa colaboração pode ser a chave para que mais soluções possam se tornar realidade.



Marcello M. E. Santo
Empreendedor social, gestor de projetos e consultor. Diretor-fundador da Plataforma Impacta Nordeste

Seja você também um agente de transformação.

O investimento social privado,
seja familiar ou empresarial,
transforma vidas e constrói um
futuro mais inclusivo, sustentável
e solidário.
Junte-se a nós.

E-mail de contato:
articulacao@gife.org.br

Fernanda Barros/O POVO



DIAGEO

